

# Dissonâncias do Qorpo: Considerações sobre o status do teatro qorpo-santense no panorama dramático brasileiro.

Doutoranda Maria Clara Gonçalves<sup>1</sup>

## **Resumo**

A presente comunicação visa promover uma reavaliação do status ocupado pelo dramaturgo gaúcho Qorpo-Santo (1829-1883) dentro do panorama dramático brasileiro. Tais considerações advêm do fato de a dramaturgia de Qorpo-Santo não encontrar um lugar preciso dentro da história do nosso teatro; no que se refere à fortuna crítica do teatrólogo, é muito comum que se o associe às estéticas dramáticas posteriores a ele, tomando-o como um precursor de práticas radicais do teatro de vanguarda e, portanto, incompreensível a seus contemporâneos. As excentricidades de seus textos resvalam na suposta criatividade indômita do autor, que não teria sofrido qualquer censura, já que suas peças não foram encenadas no momento de concepção e sim cem anos depois, não sendo, pois, submetidas ao duro crivo do público. Encarado como um louco por seus contemporâneos e como um gênio pelos críticos do século XX, Qorpo-Santo ocupa um entre-lugar que o isola e o limita, sendo, assim, necessária a investigação das zonas de convergência e de divergência entre as particularidades de sua obra e as possibilidades do meio em que produziu, como forma de compreender seu espaço dentro da história do teatro brasileiro.

Palavras-chave: Qorpo-Santo; dissonância; teatro brasileiro.

## **1. Introdução**

Ao se revisitar a produção literária brasileira é possível se deparar, mesmo em períodos anteriores à revolução modernista, com escritores singulares e enigmáticos. Artistas cujas obras exibem características que dificultam sua classificação dentro das diretrizes estéticas do contexto em que viveram e escreveram. Seus escritos, ao serem analisados sob uma perspectiva *a posteriori*, parecem estar deslocados cronologicamente, desafiando por vezes os limites impostos por sua época.

Um dos exemplos é o dramaturgo gaúcho José Joaquim de Campos Leão, popularmente conhecido como Qorpo-Santo, autor que produziu uma obra tão peculiar que, ainda hoje, gera discussões acaloradas acerca das definições histórico-literárias e categorias estéticas que mais eficientemente ilustrariam as possibilidades e particularidades de seus escritos e, assim, facilitariam seu entendimento. Qorpo-Santo é definitivamente um dos escritores brasileiros mais incompreendidos de nossa história

---

<sup>1</sup> Autora: Professora Ms. Maria Clara Gonçalves, Doutoranda.  
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.  
Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária  
e-mail: mariaclaragon@yahoo.com.br

literária; como tal, as classificações que sua obra encontrou em meio à crítica transitam entre conceitos e postulados artísticos bastante variados (e por vezes divergentes) – termos como absurdo, surreal, moderno, romântico, estão entre os tantos já aventados como chaves de leitura para seu texto. Há, como é de se esperar, discordância quanto a quais dessas definições corresponderia seu estilo, já que, aparentemente e em alguma medida, todas seriam perceptíveis nas malhas incertas da obra qorpo-santense.

A singularidade estética de Qorpo-Santo, curiosamente, encontra ressonância no anedotário sobre sua vida. O dramaturgo sempre inscreveu a si próprio em suas obras, e por ter tido vida tão *sui generis*, é comum que se equiparem as peculiaridades de sua obra com a excentricidade de sua vida. Ora, um estudo sobre Qorpo-Santo dificilmente pode se furtar à apresentação de sua personalidade; por isso, cabe aqui, um breve delineamento do retrato desse curioso escritor.

### **1.1. Um breve relato do Qorpo**

José Joaquim de Campos Leão, Qorpo-Santo, nasceu no dia 19 de abril de 1829, na Vila do Triunfo, Província do Rio Grande do Sul. Foi comerciário, professor público, diretor de colégio, subdelegado de polícia e vereador da Câmara Municipal de Alegrete.

Sua atividade intelectual e artística desenvolveu-se após o aparecimento de certas perturbações, em 1863 (quando o autor contava com 34 anos); a partir desta data, começa o processo judicial firmado pela sua esposa, Inácia Maria, que resultaria em sua interdição, sob justificativa de que portava alienação mental.

Sua produção dramática ocorreu no ano de 1866, mais precisamente entre Janeiro e Maio desse ano; suas peças denotam aspectos de uma obra inacabada, tal traço pode ser estar diretamente ligado ao fato de que Qorpo-Santo não revisa suas peças, escrevendo-as num fluxo contínuo. Essa conjectura tem como respaldo informações contidas nas próprias comédias, em que o autor afirma tê-las escrito em um só dia ou em horas. Outro ponto importante a ser considerado acerca de sua obra é o fato de ela não ter contado com público, pois nenhuma peça, pelo menos que se tenha registro até o momento, foi encenada na época em que foram escritas; fazendo com que não houvesse um mecanismo de censura quanto aos temas trabalhados por Qorpo-Santo. Tal ausência permitiu ao escritor gaúcho trazer à baila temas provocantes e sem presença registrada na obra de dramaturgos brasileiros contemporâneos a ele. A liberdade criadora de Qorpo-Santo, sua devassa de temas que provocariam escândalo entre seus coetâneos e

mesmo alguns elementos estilísticos – elementos tidos pela crítica como atestado de sua originalidade – podem ter sido produtos justamente condições muito particulares que isolamento. Desse modo, a liberdade e originalidade de Qorpo-Santo podem ser lidas sob o signo da exclusão e da incompletude, forças que legariam sua obra ao esquecimento se não fosse o esforço próprio do autor em, de algum modo, preservá-la.

No ano de 1877 Qorpo-Santo abre uma Tipografia e publica sua *Ensiqlopédia ou Seis Mezes de Huma Enfermidade*). Esta obra reúne artigos dos periódicos *A Saúde* e *A Justiça* (produzidos por ele), suas interpretações sobre alguns trechos da bíblia; poesia; receitas culinárias; pensamentos políticos; proposta de uma reforma ortográfica – segundo a qual, por critérios de simplicidade, apenas os fonemas que seriam pronunciados deveriam ser grafadas, os demais seriam, ao seu ver, acessórios – indagações sobre a estrutura da sociedade; e claro, sua produção dramática.

Apesar de ser um homem com certa popularidade e possuidor de alguns bens, Qorpo-Santo teve sua produção artística praticamente ignorada por seus contemporâneos; isso parece se dever em muito às transformações pelas quais o escritor passou. O respeitado professor converteu-se em uma figura extravagante, cheia de manias e com ideias estéticas pouco convencionais para a sociedade do século XIX. É com a transfiguração do pacato José Joaquim de Campos Leão no estranho visionário auto-nomeado Qorpo-Santo que nasce o autor das obras que aqui consideramos. O relato de um cronista contemporâneo de Qorpo-Santo ilustra bem como era visto o dramaturgo:

Chamava-se José Joaquim de Campos Leão do Corpo Santo. Era alto, magro, moreno, de uma palidez de morte. Usava a cabeleira comprida como os velhos artistas da Renascença. Trajava calças brancas, sobrecasaca preta, toda abotoada com uma farda, bengala grossa para afugentar os cães e chapéu alto de seda lustroso. Andava sempre na rua, apressado como se fosse tirar o pai da forca. Fora muitos anos mestre-escola da roça, mas com certo preparo não vulgar que o punha em destaque. (...) Quando a luz da razão se apagou no seu cérebro tornou-se então tristonho, taciturno, fugindo da convivência dos demais. Sentia-se bem só, na solidão, a fumar o seu cigarro de palha com fumo crioulo. (CARVALHO. Apud. AGUIAR, 1975, pág. 28)

O escritor morreu em Porto Alegre, no dia 1 de maio de 1883, aos 54 anos de idade, de tuberculose pulmonar.

Apesar de ter sido ostracizado por seus contemporâneos, o comediógrafo era um moralista típico de seu tempo, de pensamento e perspectiva conservadores. E, assim,

aproxima-se de um perfil mais fidedigno do verdadeiro Qorpo-Santo, sem as rotulações ou mistificações habituais em torno dessa figura extravagante na aparência e no modo de ser, mas que no âmago era, como todo “bom” homem do século XIX, fiel seguidor dos postulados da tradição e dos bons costumes. Portanto, pode-se dizer que a dicção de revolta que permeia seus textos não tem como adversário a moral instituída, mas o desrespeito aos modelos de conduta perpetrados pelas práticas cotidianas da sociedade. Qorpo-Santo, se buscou mudar o mundo, pode-se dizer – com base em muitos textos de sua *Ensiqlopédia* –, o fez querendo adequar a vida cotidiana às referências oferecidas pelos paradigmas de moral mais tradicionais. Todavia, buscou afirmar seu conservadorismo por vias turvas, de modo que sua mensagem, consonante com os valores de seu tempo, não deixaria de ser vista como coisa extravagante. A despeito de as ideias nucleares da obra de Qorpo-Santo serem consonantes com convenções de seu tempo, a forma como as manifestou – em um teatro permeado por situações despropositadas, por pantomimas vulgares e tipos grotescos –, distanciam-se de convenções. Por conta das singularidades de Qorpo-Santo, a sociedade ignorou por completo sua obra e o deixou no anonimato durante um longo tempo.

## **1.2. O (re)aparecimento:**

Simbólica, e não gratuitamente, só em 1966, cem anos depois que a produção dramática de Qorpo-Santo foi concebida, um grupo de teatro de Porto Alegre estreou no palco do Clube de Cultura, sob direção de Carlos Sena, as comédias *Mateus e Mateusa*, *Eu sou vida; eu não sou morte* e *As Relações Naturais*. Para ilustrar o desenvolvimento desse processo de (re)descoberta de Qorpo-Santo, citamos um trecho de um dos principais estudos existentes sobre o dramaturgo, o livro *Os Homens Precários*, de Flávio Aguiar, onde se lê:

O espetáculo do Clube de Cultura foi o coroamento de um processo que começara alguns anos antes, envolvendo vários intelectuais, professores e estudantes universitários de Porto Alegre. Se o renascimento de Qorpo-Santo e de sua obra se deu no palco, a sua “re concepção” aconteceu na Universidade. O primeiro contato com a obra dramática daquele escritor, até então guardada em coleção particular como raridade bibliográfica, fascinou Aníbal Damasceno, Guilhermino César, Fausto Fauser, Lúcia Mello e quantos outros ajudaram a desencadear o processo de re-avaliação dos escritos de José Joaquim de Campos Leão, aliás Qorpo-Santo. (AGUIAR, 1975, p. 22)

Como se vê, a porta de entrada para o (re) aparecimento de Qorpo-Santo foi aberta pela academia. Esse fato confirma a alegação de que, desde o primeiro momento, a dramaturgia do comediógrafo gaúcho ofereceu um desafio à classificação crítica. Ora, foram os intelectuais os responsáveis pela mediação entre Qorpo-Santo e o público. Talvez tenham feito isso em um esforço de tornar mais assimiláveis as possibilidades de seu estranho teatro, oferecendo referências mais concretas (pela encenação das peças) para as investigações de sua obra; certamente, o fizeram com a intenção de divulgar junto ao grande público uma obra cuja força expressiva não poderia ficar relegada aos gabinetes universitários. Foram precisamente esses intelectuais, que participaram do processo de apresentação de Qorpo-Santo ao grande público, os responsáveis pelas primeiras leituras críticas dedicadas a sua obra.

Destacaremos aqui os principais estudos teóricos acerca do teatro qorpo-santense, são eles: *As relações naturais e outras comédias*, fixação do texto, prefácio e notas por Guilhermino César (1969); *Qorpo-Santo: Surrealismo ou Absurdo?*, de Eudynir Fraga (1988), *O Moderno Teatro de Qorpo-Santo*, de Leda Maria Martins (1991). Todos os estudos filiam a dramaturgia de Qorpo-Santo a estéticas do século XX, pode-se dizer que a dificuldade de encaixá-lo em um sistema analítico fechado. O comediógrafo, com toda certeza, foi uma figura singular no teatro do século XIX, e até nos dias atuais, aparentemente, não encontramos dramaturgos brasileiros conhecidos que se equiparem com suas “inovações” técnicas.

Nota-se que o teatro de Qorpo-Santo ficou durante muito tempo em suspenso, sem uma classificação exata que buscasse chaves de interpretação de sua obra junto às estéticas do século XIX ou nas do século XX; pois os primeiros grandes manuais da história do teatro brasileiro estavam pautados na visão do cânone, ou seja, os escritores que tiveram obras de valor “reconhecido”. Já Qorpo-Santo figurou como um dramaturgo com uma obra tão distinta e inacabada, que a atmosfera em torno do seu nome, muitas vezes, está mais pautada na idiossincrasia de sua vida do que no valor estético de sua dramaturgia.

## **2. Breve consideração sobre o contexto teatral brasileiro do século XIX e o cômico na obra de Qorpo-Santo**

Qorpo-Santo apresenta uma flagrante predileção pelo gênero dramático cômico; algo evidente no fato de sua produção teatral ser exclusivamente composta por dezessete comédias. Tal preferência parece encontrar justificativa quando visualizamos o quadro dramático do Brasil no século XIX. Tomando-se como base o estudo já citado de Faria, *Idéias Teatrais: o século XIX no Brasil*, fica evidente o quão grande era o interesse do público pelo cômico e suas variações. A sátira social, a farsa, a comédia de costumes, dentre outros gêneros, foram amplamente encenados no Brasil graças ao público que sempre prestigiava essa forma de dramaturgia. Qorpo-Santo, como um sujeito que estava atento aos gostos populares e queria que seu teatro fosse encenado e tivesse aceitação popular, possivelmente foi sensível às preferências de sua época, tendo optado por focar toda sua produção dramática na comédia.

Quando se pensa no teatro brasileiro do século XIX, a despeito das tentativas de reprodução do modelo dos dramas “sérios” europeus, o que se vê como prática sólida, de fato, são aquelas peças voltadas ao riso. Qorpo-Santo, inserido nesse contexto e sensível a ele, parece ter produzido comédias justamente para comunicar a um público vasto a mensagem particular de seus dramas. Isso pode ser dito, pois parece haver uma orientação ideológica coesa por trás dos escritos aparentemente incoerentes de Qorpo-Santo. A necessidade de reforma do mundo, restabelecimento da ordem e dos bons costumes está presente tanto nas reflexões de cunho filosófico de sua *Ensiqlopédia*, como na denúncia aos vícios perpetrada por suas peças. Talvez Qorpo-Santo estivesse a par não apenas do poder de comunicação do cômico, mas de sua capacidade de tornar explícito e em cores gritantes a maneira caótica com que a realidade se lhe apresentava, além de morder com as presas da sátira aquelas forças que corrompem os costumes.

Denúncia da realidade não imediatamente visível ou oportunamente invisível, possibilidade de reflexão, meio de expressão da alegria, forma de extravasar o terror e tensão – todas essas ações são possibilidades comportadas pelo cômico e pelo riso. A obra de Qorpo-Santo, por seu turno, em um momento ou outro parece ter manifestado todas essas faces do fenômeno. Por isso, faz-se necessário uma reflexão sobre as formas do cômico e mecanismos do riso para que se deite luz sobre sua obra. Nesse intuito, buscamos nesse trabalho considerar teorias sobre o cômico e sobre o riso de grande ressonância junto à crítica literária.

A bibliografia disponível sobre o cômico e o riso é consideravelmente extensa, de modo que não cabe aqui, dado ao espaço reduzido que se reserva a um estudo da natureza do que hora se apresenta, longas reflexões sobre o assunto. Dessa maneira,

escolhemos dois trabalhos sobre os quais faremos breves considerações – *Comicidade e Riso*, de Vladimir Propp e *O riso* de Henri Bergson. Em *Comicidade e Riso*, de Vladimir Propp, o autor retrata como se configura o cômico na literatura, para isso preocupa-se com seu funcionamento através dos aspectos linguísticos e também do riso através das suas formas de exteriorização. Não faremos uma análise detalhada de tal obra, pois nosso objetivo é destacar alguns elementos examinados por Propp e usá-los para obter um melhor entendimento das peças de Qorpo-Santo; dentre tais elementos pode-se considerar as considerações de Propp sobre a paródia e o exagero cômico.

A paródia é um elemento recorrente na comicidade e sua estruturação está ligada à imitação. Esse recurso cômico é amplamente utilizado na comédia por despertar sempre uma reação positiva do público oriunda da identificação e que tem manifestação no riso. Propp assim define a paródia:

A paródia consiste na imitação das características exteriores de um fenômeno qualquer de vida (das maneiras de uma pessoa, dos procedimentos artísticos etc.), de modo a ocultar ou negar o sentido interior daquilo que é submetido à parodização. É possível, a rigor, parodiar tudo: os movimentos e as ações de uma pessoa, seus gestos, o nadar, a mímica, a fala, os hábitos de sua profissão e o jargão profissional; é possível parodiar não só uma pessoa, mas também o que é criado por ela no campo do mundo material. A paródia tende a demonstrar que há por trás das formas exteriores de uma manifestação espiritual não há nada, que por trás delas existe o vazio. (PROPP, 1992, p. 87)

Sendo assim, a paródia é um elemento de grande utilidade para os comediógrafos e Qorpo-Santo fez grande uso desse recurso em suas comédias; como por exemplo, na peça *Hoje sou um; amanhã sou outro* em que a ação dramática decorre de um confronto bélico no império do Rei Dourado que é invadido por inimigos. Junto com a Rainha e o Ministro, o Rei decide qual caminho deve tomar para o bem do seu povo; seus oponentes não têm nome e a batalha dura um tempo curto. A paródia encontra-se na forma como essa ação é exposta: a guerra e seus problemas são tratados de maneira superficial, de forma alegre que provoca o riso e não o temor, evocando a longa tradição das narrativas bélicas, que comportam, por exemplo em romances, baladas e epopeias, pela perspectiva do riso.

Relatar de forma explícita ou não os defeitos é uma forma muito apreciada pelos comediógrafos em geral. Há sempre um avarento, um fofoqueiro, um comilão, etc., nas comédias de diferentes escritos em diversas épocas. A utilização de personagens tipos é

a maneira mais evidente de se perceber esse recurso cômico, pois eles personificam explicitamente seus defeitos que passam a determinar o desenvolvimento das suas ações. No caso das peças de Qorpo-Santo nota-se como o “riso de zombaria” atua quando se consideram as personagens que são completamente amorais como, por exemplo, a Mariposa de *As Relações Naturais* ou a Farmácia de *A Separação de Dois Esposos*; nesses dois casos a devassidão é um sentimento forte que as impulsiona e determina suas ações. A promiscuidade é um defeito exacerbado, uma característica inerente a essas personagens e de tantas outras de Qorpo-Santo; a desordem em seu universo dramático, na maioria das vezes, está relacionada à desestruturação das instâncias básicas da ordem social que é motivada pelo desrespeito aos valores morais cristãos da sociedade do século XIX.

O estudo *O Riso*, de Henri Bergson, é um dos trabalhos mais relevantes na abordagem do cômico e na sua configuração nas relações humanas. Ressalta também os diversos mecanismos existentes para que a comicidade aconteça e consiga atingir o seu propósito: provocar o riso. “O cômico parece surgir quando homens reunidos em grupo dirigiram toda a sua atenção para um entre eles, fazendo calar a sensibilidade e usando somente a inteligência” (BERGSON, 1993, p. 21).

O cômico acontece acidentalmente e se conserva a superfície da pessoa; a comicidade provém de um estado inconsciente, pois é algo que se mantém superficialmente no ser. “Bastará, para disso nos convenceremos, ter em conta que uma personagem cômica é cômica geralmente na exata medida em que se ignora a si própria. O cômico é inconsciente” (BERGSON, 1993, p.26). Ele está intrinsecamente ligado ao homem, à suas ações. Numa esfera em que não há emoção e sim o próprio olhar do homem sobre si mesmo. Não há comicidade fora do humano e o resultado de uma situação cômica deve satisfazer certas exigências da sociedade na qual está inserido, tendo também uma significação social; sendo assim, podemos dizer que a comicidade, segundo Bergson, está ligada aos costumes, ideias e preceitos de uma sociedade. Sendo assim, podemos afirmar que Qorpo-Santo foi alvo do escárnio de seus contemporâneos quando passou a ter um comportamento diferente dos demais; isolado de todos e tendo hábitos considerados excêntricos, como andar inteiro de branco ou utilizar uma escada para entrar em sua residência, tornou-se uma personagem dentro daquela sociedade.

O caráter de personagem ou tipo que revestiu a maneira como o mundo passou a vê-lo, parece ter deixado marcas em sua obra – em várias peças a personagens



que são emanações de sua própria personalidade e, em algumas delas, o próprio Qorpo-Santo surge, como mais dos muitos tipos extravagantes e caricaturas a que deu voz.

Ao se observarem esses estudos dedicados ao cômico, nota-se como Qorpo-Santo era um escritor atento aos elementos que produzem o riso. Suas comédias estão amparadas pela tradição da comédia, nelas há diferentes elementos ligados à comicidade. Desde a forma como a ação é apresentada até a concepção das personagens têm uma ligação profunda com a forma como se arranja uma comédia. Como um comediógrafo atento, Qorpo-Santo utilizou subsídios presentes na comédia desde a sua origem. Sendo assim, podemos dizer que o dramaturgo gaúcho emprega as diversas formas estruturais do cômico que são atemporais e simplesmente ligadas à tradição.

### **Considerações finais:**

É válido destacar que a simples classificação de Qorpo-Santo como um autor, e buscar orientar a leitura de sua obra sob a perspectiva oferecida pelos dispositivos do gênero cômico não resolve ou orienta a leitura exata de suas peças, pois o teor cômico delas convive com subversões ao próprio gênero cômico, apresentando situações *nonsense*, exploração de temas polêmicos e provocativos e passagens flagrantemente apresentadas sem a finalidade de provocar o riso. A maneira particular com explorou os recursos expressivos da comédia está entre os fatores que o distanciam dos dramaturgos de seu tempo, visto que as situações desenvolvidas na ação de suas peças e que, até hoje, não há relato que tenham sido discutidos no teatro brasileiro oitocentista. O dramaturgo gaúcho utilizou de elementos provenientes do cômico para estruturar seu teatro, mas acrescentou traços singulares ao trabalhar determinados temas e utilizar recursos estéticos próprios da comédia (como o *nonsense*, a farsa, a caricatura, o grotesco) de maneira muito particular, criando, sem dúvida, um universo dramático autêntico e excêntrico.

Tal excentricidade (e sua conseqüente originalidade), contudo, apenas pode ser medida à luz do contexto em que Qorpo-Santo produziu; assim lançar-se-á luz sobre sua obra de modo não apenas a evidenciar seu contraste em relação a de seus contemporâneos (como a crítica costuma fazer), mas também permitirá que se depreenda o ambiente em que o autor formou seu perfil artístico, as tendências com as quais poderia ter contato e as possibilidades oferecidas pela época para a criação de sua obra. Além do mais, a leitura de suas comédias, em diálogo com sua época, oferece

corrimão seguro para que as considerações críticas a respeito de sua produção não se percam em anacronismos sugeridos pela aparente atmosfera de vanguarda que a cerca.

A existência de um autor como no quadro oferecido pela literatura dramática brasileira Qorpo-Santo convida à reavaliação da história literária que “elegeu” alguns autores e ostracizou tantos outros. Sua obra demanda um estudo que coadune as particularidades de seus escritos com o contexto histórico de modo a se descobrir Qorpo-Santo em sua integralidade como autor. A leitura que aqui propomos, portanto, buscou ver Qorpo-Santo não como um gênio, um vanguardista *avant la lettre*, um mero bufão disparatado ou um louco, mas como um homem de letras, sobre o qual influíram ideais estéticas e filosóficas de seu tempo e também motivações concretas que o levaram a conferir, em seu teatro, feições particulares ao repertório intelectual de que dispunha e às ideologias que defendia. Partimos da perspectiva de que a efetiva avaliação do lugar de Qorpo-Santo em nossa dramaturgia envolve a superação do mito de “Qorpo-Santo” e seu conseqüente reconhecimento como uma voz de sua época, embora singular e dissonante.

### **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, Flávio Wolf. **Os homens precários: inovação e convenção na dramaturgia de Qorpo-Santo.** Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1975.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico.** Tradução de Guilherme de Castilho. Lisboa: Guimarães, 1993.

FARIA, João Roberto. **Idéias Teatrais: O século XIX no Brasil.** São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **O teatro na estante: estudos sobre dramaturgia brasileira e estrangeira.** Cotia (SP): Ateliê, 1998.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro.** São Paulo: Global, 2001.

QORPO-SANTO, José Joaquim de Campos Leão. **As relações naturais e outras comédias.** Fixação do texto, prefácio e notas por Guilhermino César. 2 ed. Porto Alegre: Movimento/IEL/UFRGS, 1976. (Teatro Brasileiro, 2).

\_\_\_\_\_. **Miscelanea Quirosa.** ESPIRITO SANTO, Denise (org.) Rio de Janeiro: Editra Casa da Palavra, 2003.

\_\_\_\_\_. Estudo crítico. In: QORPO-SANTO, José Joaquim de Campos Leão. **As relações naturais e outras comédias.** 2 ed. Porto Alegre: Movimento/IEL, UFRGS, 1976, pp. 7-62.

\_\_\_\_\_. **Teatro completo.** Apresentação de Eudinyr Fraga. São Paulo: Iluminuras, 2001.